

REQUIEM

Luís Gonzaga Vieira

A gente olhava e via que as pessoas, estavam cheias de vida. Pelo menos, parecia que não se preocupavam com nada, a não ser trabalhar durante a semana e descansar sábados, domingos e feriados. A morte existia, mas ninguém queria pensar nisso, nem mesmo como condição de ir para o céu. E a gente, por exemplo, pensava nisso neuroticamente, doentia-mente. As crianças brincavam com uma tranqüilidade espantosa. Pelo menos, era desse modo que a gente via. A gente via a aparência, não podia penetrar no íntimo de ninguém. Nem mesmo o rosto e os olhos podiam revelar nada, como se a gente usasse máscara a vida toda (vida trágica, portanto). No buteco então, as pessoas tanto mais riam, discutiam e berravam quanto mais bebiam chope e cachaça. E a julgar pelo que diziam, estavam todos muito bem de vida. Havia até os que contavam vantagens: moravam em apartamento modesto, mas diziam que tinham terreno, casa alugada. Por que então não vendiam tudo e iam morar em lugar melhor? A gente via como as pessoas gostavam de contar vantagens: quanto mais pobres e ignorantes, mais arrotavam importância, era um modo de fugir do anonimato, acreditar-se alguém. Ninguém confessava que estava em dificuldades: como se não existissem pobres no país e, muito menos, miseráveis. Todos pensando levar vantagem em tudo. Assim como os homens, as mulheres também riam e falavam muito, passavam o tempo cuidando dos filhos, toda hora se intrometendo na vida dos filhos e discutindo filosoféias domésticas. Os adolescentes, principalmente, riam mais que todos, de

qualquer assunto, eram vegetais sadios que ainda não tinham idade para pensar em excrescências como morte, suicídio, desemprego, neurose, depressão. Por sinal que seria tétrico ficarem pensando em coisas desse tipo, que eram próprias para coroas e velhos, que apenas esperavam a hora do ataque final. A gente, gente, por exemplo, era coroa de 53 anos (completaria em julho) e já não tinha medo mas pavor de doenças e dores, mais do que de velhice. O presente era aqui e agora, o futuro era a próxima semana, no máximo. A gente olhava a natureza, e era como se ela estivesse rindo o tempo todo, pelo menos quando não havia nuvens e o céu estava azul, o verde descansando a vista. De modo que até mesmo a notícia de que o homem estava trucidando a terra, ficava distante, assim como se procurava afastar um pesadelo, a mãe morrendo de coração e o filho se atirando no mar da ponte Rio-Niterói. Era até obscena a tranqüilidade com que as pessoas pegavam o ônibus, como se não houvesse nada mais natural no mundo que pegar ônibus na Estrada dos Bandeirantes 8325, e chegar até Cascadura no ônibus 757. As bichas então eram extrovertidas, suspirosas, lânguidas: brincavam umas com as outras, se tocavam, davam tapinhas uma na outra, jogavam olhares lúbricos para os homens por quem se interessavam, combinavam encontros e o preço, bebiam chope, só de vez em quando apresentavam cara aborrecida, entendiada. Ninguém falava em aids, assim como só se falava rapidamente na morte de algum parente próximo, principalmente mãe. Era como se aids só desse em artistas de cinema, teatro, televisão, cantores, gente assim que, segundo o povão, gostava de tóxicos e não distinguia entre homem e mulher, todos loucos ou excêntricos. A gente via que a vida estava bem presente, por isso sentia a iminência de um colapso, próprio para pessoas com mais de 50 anos de idade. Em última análise, a gente não queria ofender ninguém, mas ofendia bastante, e até gravemente: a vida da gente era um modo de ofender os outros, assim como os outros eram um modo de alertar a gente. A gente pensava em falta de sorte, com o mesmo desânimo com que procurava um amigo com a lanterna. Talvez fosse o chamado peso da idade, a gente não sabia. A gente pensava

constantemente nos outros, mas depois via que estava pensando mais era em si mesmo, nos próprios interesses. Os próprios interesses eram tão mais acentuados quanto a dor que a gente sentia e que não podia transferir para ninguém. Quando uma dor era pequena, a gente tinha mania de dizer que não era dor mas incômodo. Mas o médico disse que não interessava se a dor era pequena ou grande, pois era dor do mesmo jeito. A gente via o modo profissional como os médicos tratavam os pacientes, como se tratassem de dores e não de seres humanos, como se a dor nada tivesse a ver com o resto do corpo e do mundo. Era como se a cabeça da gente estivesse avisando que poderia acontecer alguma coisa a qualquer hora, apesar do corpo ainda ser saudável (aparentemente, pelo menos). A gente ficava sensibilizado até mesmo diante da capacidade de uma criança chorar e berrar para que fosse atendida pela mãe ou pela empregada: a voz enganiçada da criança, o pulmão forte, toda a vida resumida nela mesma, nada sendo mais importante que seus desejos, sua vontade. A criança girava em torno de si mesma, garantida pelos pais. A gente via o mundo como num desfile, tristezas de um lado, alegrias de outro, indiferenças. A gente via a maioria de jovens enfeitando as ruas, e pensava em flores enfeitando túmulos, assim como os jovens sentiam cheiro de cemitério ou de mofo quando um velho passava se arrastando, ou fedendo naftalina. Jovem era vida, vida, velho era ameaça, decomposição. A gente olhava da janela e via movimento como em cinema (panorama, travelling), mas sem nada premeditado, as coisas acontecendo aleatoriamente. Nenhum close-up. A gente tanto estava olhando como estava sendo olhado, sujeito e objeto ao mesmo tempo. A gente pensava que era tão único como se o mundo fosse acabar quando a gente morresse, mas a autocrítica da gente era forçada a reconhecer que o mundo continuaria do mesmo modo, não importando a morte deste ou daquele, nem mesmo a morte de todos (um asteróide que destruísse a terra, destruindo também toda presunção). Na verdade, o mundo não dependia de seres humanos para existir, o ser humano é que dependia do mundo. Eu era um sentimento muito arraigado mas, em última análise, isso não queria dizer nada, assim como

elefante com tromba e girafa com pescoço grande também não queriam dizer nada, nesse sentido em que um fato é um fato e pronto. A gente via que a criação da alma imortal tinha a finalidade de aliviar a insignificância do ser humano diante do universo, desse modo: se sou aleijão, uso muletas; se sou contingente, invento o necessário. A gente ouvia a música americana que outros ouviam, com a mesma indiferença. Como quando perguntaram ao jovem o que ele achava da banda de rock norte-americana e o jovem dissera que não ouviu nada mas que estava ótimo. Cada idade se drogava de um modo, o velho acusava a droga do jovem e o jovem acusava a droga do velho. Cada um escolhia o próprio ópio, pois era assim mesmo que se sobrevivia. A gente sentia a morte desse modo: não há escapatória, é definitivo, ninguém pode fazer nada por ninguém, a solidão é absoluta. A gente estava desgastado, não estava triste nem alegre nem nada, não conseguia nem chorar porque achava inútil, exteriorizava-se de outras formas. O latido do cachorro, por exemplo, era apenas latido de cachorro, ou era a capacidade do ouvido de receber sons, assim como a boca era capaz de arrotar. A música no rádio do vizinho como que acentuava certa irrealidade, certo instantâneo. A gente saía dessa irrealidade como se levasse um choque, mas se acostumava logo e, com o tempo, até gostava. A gente não sabia o que mais era: sádico ou masoquista, ou sadomasoquista. A gente ficava parado, olhando a vida passar como se fosse retardado. Mas a gente não era retardado, era apenas contemplativo, inútil. Ou filósofo, como diziam os amigos brincando. Uma contemplação que absolutamente não dava lucro algum, já que a gente não entendia direito para que servia "riqueza interior" se o exterior estava minado, assim como não entendia pra que interessava ser brilhante se estava com tumor no cérebro, ou condenado pela aids. A gente realmente fazia muito drama, lamentava-se muito, era uma espécie de câncer da natureza. A gente pensava que os chamados bens materiais eram o fundamento dos bens espirituais, nesse sentido em que o corpo é a realidade do espírito, como dizia Gasset. Indiferente a tudo, o sol brilhava no outono, a gente sentia menos calor (inclusive calor humano) e as pessoas con-

tinuavam rindo até da própria miséria, assistindo futebol e apreciando as mulheres, desse modo como dava água na boca quando se preparava para comer filé com fritas, um prato muito apreciado pelos nativos de Minas. Ao contemplar um rosto bonito de criança, a gente ficava comovido principalmente com a fragilidade daquele corpo e com a inconsciência dessa fragilidade. A gente assistia o espetáculo do país e do mundo, e também fazia parte desse espetáculo como simples figurante. A gente acusava os outros de tudo, e era como se estivesse acusando a si mesmo: era bem mais fácil e prático condenar os outros do que a si mesmo. E ninguém tinha mais condescendência pela gente do que a gente mesmo. Quanto menos a pessoa era, mais se acreditava centro do universo e de tudo. No entanto, centro era apenas uma palavra criada na cabeça dos homens. O homem criava as coisas, depois dizia que essas coisas o haviam criado. O homem estava obcecado por explicações, mas que não explicavam nada, apenas confundiam. Por exemplo: medir o imensurável era como cachorro tentando morder o próprio rabo. O outono apontava o inverno, assim como a vida confirmava a morte. Obviamente, sem vida não havia possibilidade de morte. Mas a morte não existia, já que era ausência: não existia morte, mas ausência de vida. Ou como dizia a filosofia tomista, segundo Josephus Gretd, *mors est amissio vitae*. E a vida confirmava que morte de verdade era a velhice, quando a gente não tinha mais vitalidade e ainda não era ausente. A gente temia o velho assim como temia a morte. Pra gente, velho era pessoa de 30 anos. Depois a gente também foi ficando velho, e então velho pra gente era pessoa de 40, 50 anos. Agora que a gente estava com 53 anos (completaria em julho), velho pra gente era 60, 70 anos. Como a mãe da gente, que tinha 85 anos (também completaria em julho) e que estava com o coração fraco. De acordo com o médico, ela tanto poderia morrer hoje como no ano que vem. E não podia ser operada por causa da idade. Se a gente tivesse chegado ao 70 ou 80 anos, diria que se sente como um "garoto" de 50. Se a gente já estivesse esclerosado, diria que se sente como se tivesse 20. A gente tinha medo de morrer, a gente tinha mais medo era de não aceitar a morte, a gente tinha

muito medo de não suportar dores violentas. Ter consciência de tudo não era uma dor violenta? Mas a gente pensava em dores físicas e não mentais. Além de inútil, a gente se sentia egoísta, e ficava triste. Ou procurava tratar o próprio egoísmo com carinho, sem egotismo. Se a gente ficasse louco, sentiria menos dores, em tese. Se a gente se chamasse José, se tivesse cabelos na cabeça, se aplicasse no mercado financeiro, se não fosse escritor, se não fosse deste mundo, se não tivesse saldo de Minas nem do útero materno, se não tivesse se exilado no Rio, alguma outra coisa estaria acontecendo com a gente. Mas nada acontecia. E a gente não tinha nenhum sentimento de culpa, pelo contrário, continuava gostando de mulher mesmo quando broxava. O céu ali, tão azul como que feito apenas para ser apreciado e comover (a gente não pensava na camada de ozônio que estava sendo destruída aos poucos, nem na poluição geral que contaminava a terra). A lua tão cheia e tão pacífica, tão luminosa. As estrelas que brilhavam de tão longe, de lugares inacessíveis até mesmo à imaginação da gente. A “medida” do universo pouco tinha a ver com as medidas humanas, a desproporção era brutal, apesar de toda aproximação. A familiaridade que os olhos tinham com o infinito do universo, como espécie de sonho fantástico. Todo esse infinito, e toda nossa finitude e fragilidade. Micrômetros. Então a gente tomava cachaça e cerveja bem devagar, como num ritual antigo, como se estivesse bebendo com os olhos, e procurava esquecer que a gente era a gente mesmo e que tinha esse vício solitário de pensar o universo. Desse modo: o mundo desmoronava ao nosso redor, e a gente pensava, contemplava. No dia seguinte a gente recomeçava tudo de novo, como se estivesse vivendo seus últimos momentos: uma melodia que apontasse outra melodia, sucessivamente, em fuga, infinita. Porque já não havia mais vida e sim uma infinidade de momentos, cada um mais premente que o outro. Por incrível que pareça, não havia mais passado, e o futuro (presente) era o instante. Como se a gente se sentisse mera cobaia do universo, e sem ficar revoltado com isso, assim como não ficava revoltado de ter apenas este corpo com lordose e nenhum outro, esta careca, este rosto enrugado, esta timidez, esta visão (ou evasão) de

mundo. A gente não podia nada contra o fato de ser, mesmo assim esperneava, ou tinha acessos feito epilético. Nada resolvia nada, mas a gente esperneava assim mesmo. O tempo também não resolvia nada, apenas liquidava o problema, no mesmo estilo com que a morte liquidava a vida, com que a vida se esgotava. A gente ficava emocionado e surpreso vendo que a morte não perdoava nem mesmo os seres humanos que a gente admirava. Um sopro de tuberculose e pronto, estava terminado o espetáculo. Empresários e industriais não pensavam nada parecido, apenas enriqueciam sua pessoa física e jurídica, preocupados não exatamente com o país mas com lucros maiores e e despesas menores. Afinal, eram homens de negócios acima de tudo, só se preocupavam com relações humanas se lucrassem com isso. Eram pessoas práticas e objetivas, que podiam até não ter moral, mas que tinham dinheiro, poder e prestígio e, portanto, gozavam de imunidades. Por sinal que no capitalismo ocidental cristão (e no capitalismo selvagem brasileiro) ninguém estava preocupado em ser, mas em ter, também porque ser não dava lucro e era ocupação de sonhadores. Os empresários viviam com o pé na terra, os trabalhadores assalariados também, tanto que pensavam não exatamente no país mas na própria sobrevivência. Queriam todos era conservar os próprios privilégios, independente da situação dos outros. Não que odiassem os outros, em absoluto, apenas não os levavam em consideração. Só se interessavam realmente pela família, amigos, colegas (seu grupo), já que os outros não eram próximos mas distantes. Como se preocupar com pessoas de quem nunca tiveram notícia e que mais pareciam abstração? O dinheiro não tinha ideologia, não tomava partido. A gente tinha mania de pensar em socialismo como sinônimo de democracia, mas tudo na base da literatura, da ficção. Considerava socialismo uma utopia como qualquer outra, assim como considerava fraternidade humana como a última esperança que morria. Enquanto houvesse ser humano, haveria esperança de fraternidade? Ou tudo não passaria de jogo mental, de justificativa diante da carnificina? Amor ao próximo também literatura. De certo modo, a gente não amava nem a si mesmo, apenas se suportava satisfatoriamente. E amor entre

amantes a gente achava que era um bom jogo de interesses. Nunca na vida a gente conseguiu dizer: gosto muito de mim. Na praia, pelo menos, era como se nada mais existisse a não ser alegria, descontração, felicidade, prazer. Nem mesmo os pivetes conseguiam perturbar a paz dos domingos na praia, pelo contrário, ajudavam a compor essa paisagem humana em que tudo estava bem explícito. As pessoas viviam desse modo: sempre haverá pobres, mas nenhum miserável vai impedir que eu goze a vida. Quanto aos miseráveis, viviam desse modo: não adianta ser rico se acaba todo mundo na horizontal. As pessoas religiosas falavam na vontade de Deus e em seus desígnios. A gente pensava em Schubert e se emocionava: o músico morreu moço, sempre precisando de dinheiro e reconhecimento pelo seu talento, tímido, não declarava seu amor por nenhuma mulher, e admirava Beethoven profundamente. Então a gente, que sempre admirou Beethoven e Schubert, pensava que artista era uma espécie de condenação, pois sentia e percebia demais as coisas, por isso ficava perturbado, ou se comportava de modo diferente da maioria. (A Sinfonia Inacabada de Schubert, por exemplo. A Sonata ao Luar de Beethoven. A profundeza dos sentimentos.) O mínimo que se dizia de um artista: esquisito, estranho. Mas a gente considerava todos os artistas como irmãos, principalmente músicos, por cuja música a gente sentia uma afinidade total. Em última análise, a gente se considerava melancólico e depressivo por causa do comportamento dos outros e por causa do próprio comportamento, os atritos que nasciam disso. A gente também via pessoas que pareciam felizes e realizadas, e não sabia como essas pessoas conseguiram chegar a esse ponto. Eram felizes ou estavam apenas aparentando, representando? De vez em quando a gente ria, várias vezes sentia-se satisfeito, e chorava quando ouvia música erudita, ficava emocionado quando ouvia música popular brasileira. Nada resolvia nada, era verdade, mas tudo servia para ajudar em alguma coisa, ou pelo menos para se manter em pé, dando a impressão de que a gente ainda estava vivo e até lúcido, mesmo quando cometia o último gesto. A gente saía na rua e se misturava com os outros para pensar menos em si mesmo, para sentir-se atraído

por uma multidão de imagens, para se distrair de si mesmo. Mas não ficava muito tempo perto dos outros porque sentia falta do próprio isolamento, daquele silêncio em torno de si mesmo: o estado natural da gente era solidão, principalmente solidão de espírito, a gente passava horas e horas ruminando a paisagem, e até se assustava quando a mulher entrava no escritório, ele tinha medo que ela o surpreendesse em sua hora final. Primavera, verão, outono, inverno. Como se dissesse: morte, juízo, inferno, paraíso. A cadência das palavras agradava. A gente era ateu, mas gostava de todas as lendas religiosas como criação literária. O ser humano até que era imaginativo, mesmo levando-se em consideração que a gente era suspeito porque também era ser humano. A mulher da gente não tinha religião, a mãe da gente era católica, o universo era indiferente, ou seja, ninguém podia contaminar o universo com palavras, pelo contrário, as palavras é que estavam emaranhadas de universo. Cristianismo, islamismo, budismo, hinduísmo, ateísmo. Ocidente, oriente. Cada cabeça com seu ponto de referência. Ou como dizia Gasset: eu e minhas circunstâncias. Eu e aquele que a gente chamava de irmãos, contanto que não chegassem muito perto nem criassem maior intimidade, para evitar atritos. Era assim: quanto mais as pessoas se conheciam, mais se agrediam. Tudo era agressão, maior ou menor. A praia, pelo menos, estava ótima no feriado de segunda-feira: água fresca, limpa, mar pouco agitado, céu quase sem nuvens e o ventinho de sempre. A gente achava agradável ver o corpo jovem das mulheres com seus biquinis tão reduzidos mas que poderiam ser menores ainda até chegar ao nudismo (nudismo era espécie de verdade absoluta). Todos descontraídos, conversando, brincando, comendo, bebendo, comemorando o sol, sugando o instante. E a gente procedendo do mesmo jeito, bronzeando a pele e os pensamentos, preparando-se para morrer higienicamente. De vez em quando a gente até sentia extravagâncias desse tipo: está quase na hora de morrer. Mas logo se esquecia da extravagância e continuava saboreando as mulheres com os olhos, como se aquele instante demorasse toda uma eternidade (a eternidade dura uma fração de segundos, alertava o poeta). Você está sempre com a cara ótima, dizia o amigo

pra gente. Na verdade, o amigo só podia ver a cara, não podia ver o íntimo, a gente não se revelava pra ninguém, nem pra gente mesmo, então as pessoas só podiam ver a cara da gente que, segundo o amigo, estava ótima. A gente vivia mais dentro de si mesmo do que fora, se corroia. Então as pessoas julgavam a gente pela cara, que era o único fato visível. Está quase na hora, a gente repetia para si mesmo, com aquela pose de estóico. Até que, segundos antes de morrer, a gente escreveu estas palavras: vivendo e aprendendo. 1936/1989.